

A MAIS SENSACIONAL TRAVESSIA DO ATLÂNTICO SUL

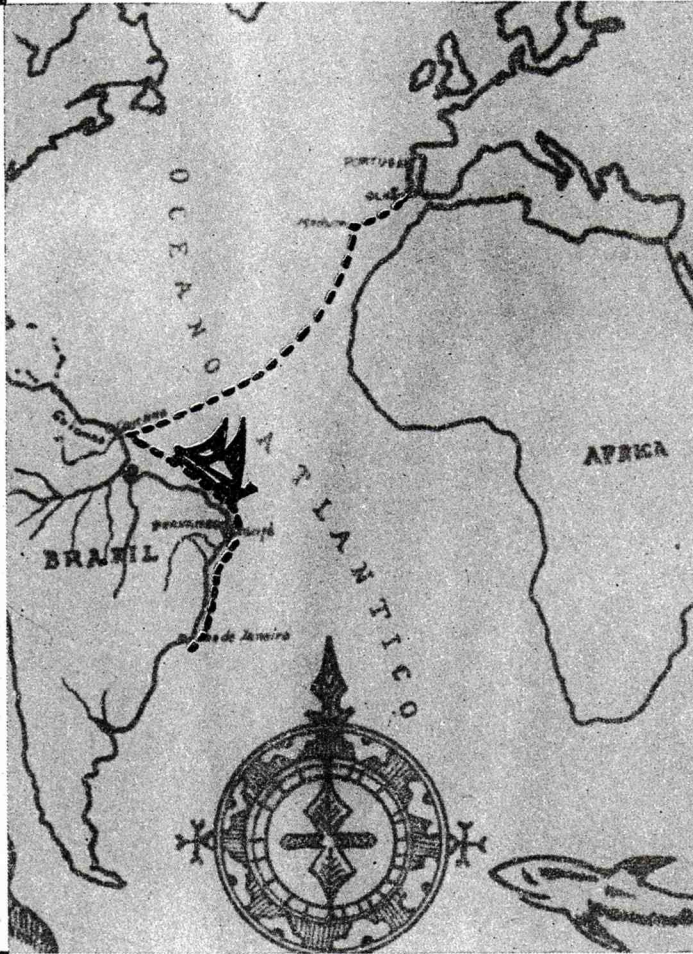
PESCADORES E CONTRA-BANDISTAS DE D. JOÃO VI

A VIAGEM DO CAIQUE "BOM SUCESSO" AO RIO DE JANEIRO, EM 1808. D. PEDRO I, AS LUTAS LIBERAIS E OS PESCADORES DA VILA DO OLHÃO DA RESTAURAÇÃO

OS tempos mudam e os

Impérios desaparecem tragados por circunstâncias várias, geralmente imprevisíveis. Não deixa de ser estranho pensar-se hoje na prepotência dos romanos, no domínio comercial e marítimo dos portugueses de antanho ou no império espanhol que avassalou o mundo, tendo a Europa a seus pés e as Américas subjugadas pela força. Esse domínio, econômico ou militar, e a ameaça que ele representava para os restantes povos do mundo, são fatos que há muito pertencem ao passado, arquivados que foram nas páginas brilhantes e heróicas ou tristemente célebres da história universal.

O desmoronamento dum império, quase sempre, e salvo raríssimas exceções, soergue sobre as suas ruínas um novo império, quando não militar pelo



Mapa indicando a rota seguida pelo caique "Bom Sucesso" na sua arrojada viagem de Olhão (Algarve) até o Rio de Janeiro.

menos econômico, não menos tirânico e nefasto que o primeiro. Foi assim desde os começos do mundo e continuará assim através dos tempos, futuro afora, na profecia árabe dos camelieiros do deserto.

No alvorecer do século XIX, a França ainda continuava dominada por Napoleão, que havia construído sobre a Europa o maior império dos tempos contemporâneos. O poderio econômico e militar dos franceses e uma cadeia de acontecimentos fora do comum, habilmente aproveitados pelo Corso, haviam possibilitado o domínio da península ibérica e forçado a família

real portuguesa a fugir para o Brasil, colocando a salvo a cobiçada coroa de Portugal.

No sul de Portugal, no antigo Reino dos Algarves, o ano de 1808 foi encontrar Olhão, pequeno burgo de pescadores, mercadejadores e contrabandistas, dominado e

Supremo Conselho de Regência, que logo depois resolveu enviar à Côrte do Rio de Janeiro um Correio Marítimo, para comunicar ao príncipe regente D. João a feliz notícia da expulsão dos franceses do sul de Portugal.

O CAÍQUE "BOM SUCESSO"

O Supremo Conselho de Regência do Reino dos Algarves escolheu para integram o correio marítimo a enviar à Côrte do Rio de Janeiro, como arautos da boa nova da expulsão dos franceses, os olhanenses que primeiro souberam erguer o grito de revolta contra o invasor estrangeiro. A embarcação escolhida para a temerosa viagem ao Brasil foi o pequeno caíque "Bom Sucesso", do capitão olhanense Miguel do Ó, membro do Supremo Conselho de Regência.

O caíque "Bom Sucesso" era uma pequena embarcação de uns 15 metros cúbicos de arqueação, proa levantada e pôpa baixa e rasa, aparelhado com dois bastardos triangulares (velas triangulares latinas), o de vante içado em um mástro comprido que pendia para a proa e o de ré em um mástro mais curto caído um pouco para a pôpa. A coberta era corrida de vante a ré, com três escotilhas, sendo duas para serventia da tripulação.

Foi nesta pequena embarcação, também conhecida por navego, pela perícia e destreza que desde sempre demonstraram os olhanenses no seu manejo, e por não possuírem outra de maior calado, construída para viagens no Mediterrâneo ou sortidas ao norte da África e usada para contrabandear, comerciar e pescar cavalas e sarrajões nos mares de Larache, que os olhanenses resolveram empreender a travessia do Atlântico, em temerosa viagem ao Brasil.

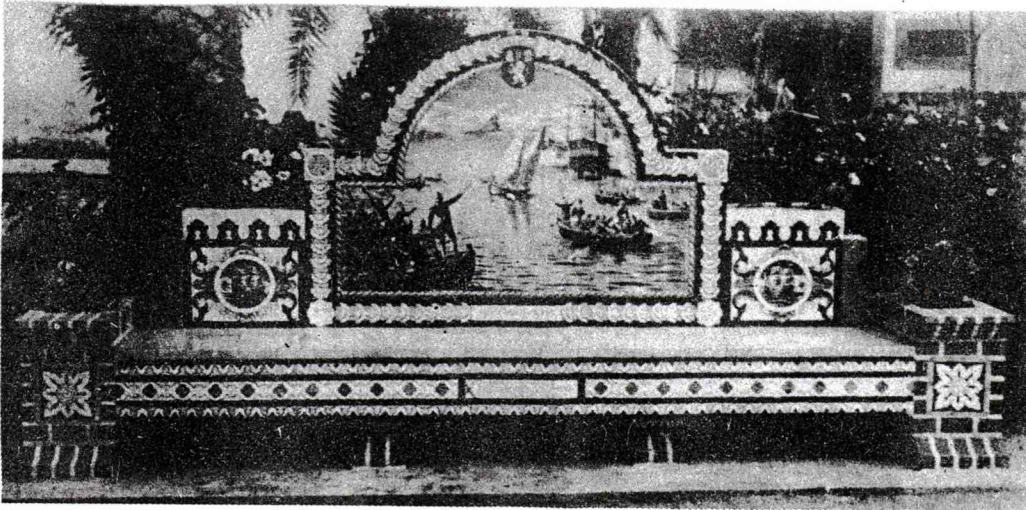
Quantos foram, ao todo, os tripulantes do caíque "Bom Sucesso", é quase uma incógnita, embora o n. 38 de "O Telégrafo Português", de 1809, num laconismo próprio da época, tenha informado que era 117, embora sem citar os respectivos nomes. Número elevado e, diremos mesmo, desnecessário, para tão pequena embarcação, obrigando ainda à sobrecarga de maiores suprimentos de água e mantimentos. Apesar



D. Maria II, rainha de Portugal

escravizado pelas hostes francesas, comandadas pelo sórdido general Marin, que, aliás, não divergia muito em despotismo, mesquinhez e desonestidade dos restantes salteadores enviados por Napoleão para saquearem Portugal. Mas os habitantes do velho burgo algarvio, ardendo em desejos de revolta e não podendo por mais tempo suportar o despotismo e rapinagem das tropas bonapartistas, exasperam-se e terminam pegando em armas, expulsam os franceses e estendem a revolta a todo o Reino, escrevendo com sangue páginas imorredouras de coragem e patriotismo.

Livres os Algarves do domínio francês, trataram os revoltosos de elegerem um



Chegada do caíque "Bom Sucesso" ao Rio de Janeiro, em 22 de setembro de 1808. Banco de azulejos de Jorge Colaço, no Jardim João Serra, em Olhão, Portugal. (Mestre Jorge Colaço, pai de Tomás Ribeiro Colaço, brilhante colaborador do "Correio da Manhã", foi um dos maiores pintores azulejistas que Portugal jamais possuiu. Os seus painéis de azulejos encontram-se espalhados por todo o mundo e são famosos, como o das Soc. das Nações, em Berna, na Suíça).

desta conjuntura sôbre a tripulação do caíque "Bom Sucesso", aventa-se, desde sempre, a hipótese de que seriam em maior número os seus tripulantes, tanto mais provável quanto é certo que as praias de Olhão, por essa época e até ao primeiro quartel d'êste século, constituíram desde sempre uma das formas mais práticas e simples dos portugueses emigrarem clandestinamente para o norte da África, ou fugirem para o estrangeiro os revolucionários fracassados e os foragidos da justiça.

Para reverberar esta hipótese, apareceram pelo nordeste brasileiro, no escurecer do século passado, pescadores e praieiros que se diziam descendentes dos pescadores de D. João VI ou dos pescadores portugueses que vieram ao Brasil numa quenga, em-



Carlota Joaquina, primeira filha de Carlos IV, de Espanha. Aos 10 anos casou com o príncipe João, depois D. João VI. Mãe de D. Pedro e de D. Miguel, tramou contra o marido a "Vilafrancada" e a "Abrilada", depois de atralçoar o cônjuge com o "clero, nobreza e povo". O folclore dos pescadores e contrabandistas do antigo Lugar do Olhão está pontilhado de inúmeras referências à "espanhola", cognome popular da mãe de D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal. (Grav. da época)

bora não tivesse sido averiguada, até aos nossos dias, a veracidade ou lenda dessa tradição e conseqüentemente se os antecedentes dêsses possíveis brasileiros viajaram clandestinamente no caíque, se foram tripulantes que por aqui ficaram, encantados com a terra, ou descendentes, que posteriormente emigraram para o nordeste brasileiro.

Em qualquer dos casos, são dignas de citação as conjunturas que levaram a reunir os nomes dos possíveis 17 tripulantes do caíque "Bom Sucesso", como sendo Antônio da Cruz Charrão, Antônio Pereira, ou Antônio Pereira Gémeo, Antônio dos Santos Palma, Domingos do Ó Borrêgo, Domingos de Sousa, Francisco Lourenço, José da Cruz, João Domingos Lopes, José da Cruz Charrão, João do

Moinho ou João de Munho, Joaquim do Ó, José Pires, Joaquim Ribeiro, Manuel de Oliveira e Pedro Nihil, como tendo tripulado o caïque pilotado por Manuel de

“Caso único em a História Naval de todos os povos”, como escreveu José Agostinho de Macedo em “O Novo Argonauta”, poema editado em 1809, onde afirma também que “Em toda a História de Roma se não pode marcar hum facto, que prove mais heroico patriotismo, mais honra, mais lealdade, e mais virtude”.

ANNO DE 1808.

ALVARÁ DE 15 DE NOVEMBRO.

Coll. Bras. — Delgado.

Eu o Príncipe Regente, faço saber aos que o presente Alvará com força de lei virem, que me recendo a minha Real consideração e estima, os meus fieis vassallos habitantes do lugar do Olhão no Reino do Algarve, pelo patriotismo, amor e lealdade com que no dia 16 de Junho do corrente anno se deliberação com heroico valor e intrepidez, moi propria da valerosa e sempre leal nação Portuguesa, a succidir o pesado e intoleravel jugo Francez com que se vião opprimidos e vexados, dando o sinal da restauração da sua liberdade, tyrannizada com factos injustos e violencias insufferíveis, rompendo em tiras a minha augusta pessoa, e a toda a Real familia, arvorando a bandeira portugueza, e propondo-se a sustentar com as armas na mão, e á custa do seu sangue, a causa da religião e do trono, com tanta perfidia invadido: e querendo eu dar hum testemunho de quanto bem acoitos por mim forão estes relevantes serviços, praticados com tanto brío, honra e valor, que forão o primeiro sinal para se restaurar a Monarchia, de que se tinha apoderado o inimigo commum da tranquillidade da Europa, com manifesta usurpação e ultraje dos meus Reaes direitos, e da augusta e Real familia; e ao mesmo tempo distinguir entre os presentes e vindouros, o referido lugar do Olhão e seus habitantes: hei por bem, e me pras erigir-lo em Villa; e ordenar que da publicação deste em diante se denomine Villa do Olhão da Restauração; e que tenha e goze de todos os privilegios, liberdades, franquias, honras e isenções, de que gozão as Villas mais notaveis do Reino; e permitto outro sim que os habitantes della usem de huma medalha, na qual esteja gravada a tetra — O — com a legenda — Villa a Restauração, e o Príncipe Regente Nosso Senhor.

Felo que mando, etc. Dado no Palacio do Rio de Janeiro, em 15 de Novembro de 1808. — Fancivez com guarda. — D. Fernando Jose de Portugal. — Com todos os Registos competentes.

do proprio Capitão as pessoas que Art. 32. Nas os sobreditos embarcações a lção da sua afin de serem obrigados a ju que se encontra Art. 37. Nos Mestres dos nav pagens formada rem do Reino, lhe tenham sido consentira que outros navios Capitães ou Me do venha no c se praticem a autoridade para tiverem cumprim engajamento.

DECRETU

M

Tendo feito n da propriedade arrematados pel para se lhes veri sem as arrematã lção de sebar n tras nos sequin rante este tempo officios: sou sei Erario se pague havia de perceb arrematções do do-se-lhes o vem desta mercê, até O Presidente do entendido, e o quaesquer leis, contrario. Pala Novembro de 1

Reprodução fotográfica do alvará de 15 de novembro de 1808, pelo qual o lugar de Olhão é erigido em Villa do Olhão da Restauração.

Oliveira Nobre e comandado por Manuel Joaquim Garrocho.

A 6 de julho de 1808, o caïque “Bom Sucesso” recebia os papéis do Supremo Conselho de Regência destinados à Côrte do Rio de Janeiro, bordejava a ria e velejava ao mar, a caminho do Brasil, rumando para a ilha da Madeira, e aportando ao Funchal, para receber suprimentos de água e mantimentos suficientes para a longa travessia do Atlântico.

No dia 16 de julho, finalmente, o caïque largava-se do Funchal e iniciava a travessia do Atlântico, rumo ao Brasil, num

A travessia do Atlântico foi tormentosa, açoitada por violento temporal, pontilhada de incidentes e peripécias. Havia que fugir dos franceses, dos corsários e navios negreiros de tôdas as nacionalidades, que sulcavam o oceano, divertindo-se em atos de pirataria, vendendo homens de côr nas Américas e brancos no norte de África. E como se não fôsse suficiente êste rol de condições adversas e a pequenez da embarcação, avultava ainda o fato de qualquer dos seus tripulantes, incluindo o próprio mestre ou comandante, e o pilôto, jamais terem viajado ao Brasil. O pilôto do caïque, êsse então e por mais estranho que pareça, não possuía qualquer aparelho ou simples carta marítima, mesmo rudimentar, e dirigia-se por uma estimativa muito incerta, traçada sôbre um vulgaríssimo e primitivo mapa, sendo o seu maior cuidado observar a direção das correntes marítimas e aproveitar os ventos, dirigindo o caïque conforme permitiam êsses elementos, os únicos de que podiam dispor os barcos da época, movidos à vela e sem os modernos recursos do rádio e das minuciosas cartas de navegar.

O que deve ter sido essa viagem em tão frágil embarcação e em tais circunstâncias, é impossível descrever, mesmo usando a imaginação fértil da fantasia, tanto mais que os tripulantes, melhores navegantes que escreventes, sabendo melhor usar a coragem e manejar o caïque que a pena, não nos legaram um minucioso diário da viagem. Restam-nos, entretanto, o roteiro da aventura, para conjeturarmos da coragem, do heroísmo e dos sacrifícios que cimentaram estas páginas, quase desconhecidas, da história luso-brasileira.

Tendo deixado o Funchal, na ilha da Madeira, a 16 de julho de 1808, com destino ao Rio de Janeiro, o caïque “Bom Sucesso”, depois das aventuras já descritas, avista terra, não a brasileira mas a inimiga francesa, de Cayenne, faz-se novamente ao

mar e bordejando, não muito longe da costa, aporta a Pernambuco, para, finalmente, em penosa viagem junto à costa, demandar o Rio de Janeiro, onde chega a 22 de setembro de 1908. Havia saído do Funchal a 16 de julho, gastando, precisamente, 68 dias da ilha da Madeira ao Rio de Janeiro e atribuindo o êxito da viagem à proteção de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos homens do mar do velho burgo de Olhão.

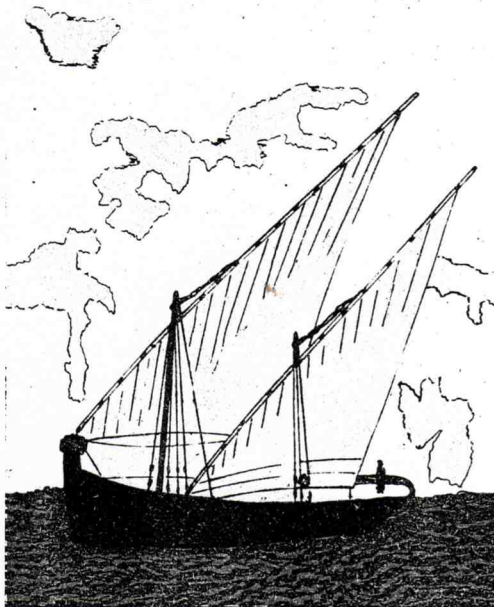
Quanto mais se examinam estas datas e se estudam as condições em que foi efetuada a memorável aventura, tanto mais claramente elas próprias revelam a coragem, a sagacidade, a perícia e a destreza dos navegantes, percorrendo os milhares e milhares de milhas que separam Olhão da Madeira, esta ilha de Cayenne e, finalmente, as Guianas francesas do Rio de Janeiro.

A arte de navegar dos árabes, alicerçada e aperfeiçoada pelo amalgamento com os lusitanos, dilatada através de gerações coragem e espírito de aventura dos olhanenses, escreveram com letras de ouro um dos capítulos mais heróicos da história marítima deste povo, descendente de grandes navegadores.

O "BOM SUCESSO" NO RIO DE JANEIRO

O caíque "Bom Sucesso" e os seus heróicos tripulantes são recebidos festivamente no Rio de Janeiro, onde são alvo da curiosidade geral e de inúmeras manifestações de simpatia. A cidade amanhecera gozando as delícias simbólicas do primeiro dia de primavera, êsse inesquecível 22 de setembro de 1808, dos pescadores e contrabandistas olhanenses, data memorável que o tempo apagou e esqueceu, na vagem implacável e vertiginosa dos acontecimentos históricos luso-brasileiros que pontilharam a grandeza do século XIX.

Resta-nos hoje, como recordação desse dia festivo e do feito heróico dos olhanenses do caíque "Bom Sucesso", alguns privilégios concedidos e o **régio reconhecimento** do príncipe-regente D. João, tão magnânimo que estendeu a sua gratidão até a pessoas de família dos famosos navegantes, concedendo mercês e isenções, distribuindo pensões e empregos. Não menos



O caíque "Bom Sucesso", que de Olhão, em esforçada travessia do Atlântico, veio trazer a D. João VI a notícia da expulsão dos franceses. (Cópia de uma gravura da época.)

significativo e importante, foi o ato que mandou que no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro fôsse conservada AD PERPETUAM REI MEMORIAM a frágil embarcação em que os ousados navegantes haviam feito a longa e perigosa travessia do Atlântico.

Mas a carta magna do feito heróico, verdadeira alforria dos olhanenses, é iniludivelmente o Alvará de 15 de novembro de 1808, pelo qual o Lugar de Olhão é erigido em Vila do Olhão da Restauração, gozando de todos os privilégios, liberdades, franquias, honras e isenções de que gozam as vilas mais notáveis do Reino, e permitindo que os habitantes da mesma usem uma medalha, na qual esteja gravada a letra — O — com a legenda — VIVA A RESTAURAÇÃO E O PRÍNCIPE-REGENTE NOSSO SENHOR.

Tal foi o epílogo da expulsão dos franceses e da libertação do Reino dos Algarves do jugo napoleônico, culminado com a viagem do caíque "Bom Sucesso" a terras do Brasil e selado com a apoteótica e

